

III

**Raul Brandão
Teixeira de Pascoaes**



**Jesus Cristo
em Lisboa**



JESUS CRISTO EM LISBOA

Autor: Raul Brandão / Teixeira de Pascoaes

Colecção: Mnésis

Coordenação de Assirio Bacelar

e José Manuel de Vasconcelos

© Vega (1984)

Direitos reservados em lingua portuguesa

por Vega, Lda.

Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8

1700 LISBOA (tel. 73 00 75)

Sem autorização expressa do editor, não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da critica.

Editor: Assirio Bacelar

Capa: Mário Veiga

IMPRESSÃO: Empresa Industrial de Fotolitografia, Lda.

LP. 838 v.

**Raul Brandão
Teixeira de Pascoaes**

PREFÁCIO

José Manuel dos Anjos
**Jesus Cristo
em Lisboa**

vega

PREFÁCIO

José Manuel de Vasconcelos

Desde 1895, um ano antes da publicação da sua primeira obra de teatro, *Moisés de um Pântano*, existe uma arte de crónicas teatrais na Europa da Manhã, muito dirigida por Pinheiro Chagas. A sua primeira tentativa em dramática parece inspirada e influenciada por três peças, duas por causa do ambiente do Natal: *O Bêzao Castelo*, que em 1899 foram representadas sucessivamente no Teatro D. Maria II e no Teatro D. Amélia; e *O Toulão* (Ti O ou o nome autêntico), o primeiro João de Deus, antigo "negelinho", com quem funde no Porto a Revista o Negro (1894) e com quem colabora até ao regresso de uma biografia.

Adotando sucessivamente os seus projectos dramáticos, os muitos mais tarde, com 34 anos, Raul Brandão volta a publicar teatro. Desta vez, porém, com um significado bem diferente do pequeno, aliase com a chamada da República Portuguesa, dando a estampa em 1922. Apesar de dois momentos mais altos da produção dramática do autor. Refere-se a *O Círculo* e a *Sombra*, e sobretudo a *O Toulão* e a *Maria*, para quase unanimemente considerado a sua obra-prima dramática e um dos mais importantes trabalhos da dramaturgia portuguesa. Mais tarde em Lisboa, publicada anos depois, em 1927, é a sua primeira obra de teatro e também um trabalho de colaboração.

Então para que, se aquele interesse pelo teatro a circulação de teatro e a vontade de mostrar, as respostas em termos de produção dramática não foram em grande número e, sobretudo, tal variedade as duas excepções apontadas, tem sido entre os melhores trabalhos do autor. É sempre difícil e por isso o teatro

1. A primeira destas peças, no há pouco foi publicada, com introdução e notas de José Carlos Soares. Foi publicado no estado sobre João Brandão, no volume da L.N.C.R. - Biblioteca Nacional de Lisboa (1963) e segunda edição, no estado de conservação sobre o autor em que foi publicado no Teatro D. Maria II, em 1902.

Desde muito cedo o teatro exerceu sobre Raul Brandão um irresistível apelo. O escritor, já em 1895, um ano antes da publicação da sua primeira obra de relevo, História de um Palhaço, escreve uma série de crónicas teatrais no Correio da Manhã, jornal dirigido por Pinheiro Chagas. A sua primeira incursão no chamado género dramático é constituída por três peças, duas por sinal de colaboração: Noite de Natal, O Maior Castigo, que em 1899 foram representadas respectivamente no Teatro D. Maria II e no Teatro D. Amélia; e O Triunfo (1). O co-autor das primeiras, o escritor Júlio Brandão, antigo "nefelibata", com quem funda no Porto a Revista d'Hoje (1894) e com quem colabora até na redacção de uma hagiografia.

Adiando sucessivamente os seus projectos dramáticos, só muito mais tarde, com 56 anos, Raul Brandão volta a publicar teatro. Desta vez, porém, com um significado bem diferente: do pequeno volume com a chancela da Renascença Portuguesa, dado à estampa em 1923, figuram os dois momentos mais altos da produção dramática do autor. Refiro-me a O Gebo e a Sombra e, sobretudo, a O Doido e a Morte, peça quase unanimemente considerada a sua obra-prima dramática e um dos mais importantes trabalhos da dramaturgia portuguesa. Jesus Cristo em Lisboa, publicada anos depois, em 1927, é o seu penúltimo trabalho dramático e também um trabalho de colaboração.

Vemos pois que, se aquele interesse pelo teatro a que aludimos surgiu cedo e se manteve constante, as respostas em termos de produção dramática não foram em grande número e, sobretudo, salvaguardadas as duas excepções apontadas, não estão entre os melhores trabalhos do autor. É sempre difícil e perigoso arriscar

(1) A primeira destas peças só há pouco foi publicada, com leitura, introdução e notas de José Carlos Seabra Pereira e seguida de um estudo sobre Júlio Brandão; co-edição da I.N.C.M. / Biblioteca Nacional. Lisboa, 1981; a segunda continua inédita; da terceira nada se sabe, a não ser que foi entregue no Teatro D. Maria II, em 1902.

So no passado, num passado em que sonho e realidade se interpenetraram e confundiram, numa vida antiga com raízes naturais, isenta do artificialismo que engendra a mentira, que aniquila a sensibilidade e a paixão e que a religião pôde ser um fenómeno vivo. Expressão da nostalgia do cristianismo original do homem em harmonia com o cosmos e consigo mesmo, é mais uma vez do fenómeno da morte de Deus que aqui se trata: esse súbito desaparecimento que gera um vazio insuportável e abre as portas à contingência. A ironia, a caricatura, o grotesco, mas também a loucura, a estranheza e a angústia, são o resultado dessa morte. Olhar romântico sobre um passado perdido que nenhum gesto é capaz de recuperar. Como sempre, na obra de Raul Brandão, o presente é um tempo desenraizado e inútil a que só a força mítica do passado pode responder. Mais uma vez é a sensibilidade antitética que se revela: passado e presente, natureza e cultura, verdade e mentira, mas tudo isso cabendo no sonho que, algumas vezes, é pesadelo. Como se diz na Farsa: "O sonho é a nossa vida e resume a beleza do universo e a tentação do inferno". É a exigência da ordem necessária e razoável que faz mover as peças da imensa maquinaria social que anula a loucura de desejar raízes onde elas já não são possíveis ou ainda não são possíveis ("Negamos-te como Deus, porque não podemos viver contigo"). Por isso, o próprio título é revelador duma profunda dualidade inconciliável, que é própria do sonho: o cósmico e intemporal passado, a nostalgia das origens e o efêmero presente corrompido pelo pesadelo da história.

Da religião resta a palavra, mas a palavra é apenas cristalização duma pureza a que só a intuição da ingenuidade pode aceder; caso contrário é transformada em vazio ritual. A presença de Cristo tocou os homens no passado, a sua palavra no presente tornou-se doméstica, adormeceu entre novos e mais potentes sinais. Perdida a totalidade cósmica o homem entrega-se a sua actual fragmentaridade, desvanece-se no império do egoísmo e da luta. Talvez o final da peça se compadeça com uma interpretação utopista mas de sentido futuro. Talvez haja sinais dum amanhã sem rosto no investimento que Jesus faz da sua palavra e da sua presença sobre as crianças. Mas também as crianças crescerão e ficarão a mercê da dialéctica do sonho e da máscara, tão central na obra de Raul Brandão, e voltamos assim ao problema nos seus termos iniciais.

Lisboa, Fevereiro/Março de 1984

José Manuel de Vasconcelos